



O Ritmo Sem Observador

O universo já deixara de ser apenas instabilidade em fricção irrepetível. No interior das primeiras nuvens densas, pequenas flutuações de densidade começam a ganhar forma gravitacional. A gravidade, operando localmente, concentra matéria em núcleos que resistem à dispersão térmica. A energia já não se dissipa indiferentemente: inicia-se uma assimetria operatória. Certas zonas tornam-se capazes de reter e dobrar as suas próprias condições de concentração. São esses núcleos de reorganização funcional que tornam possível, por acumulação e diferenciação, a emergência das galáxias. A estabilidade não aparece depois da forma: é precisamente a estabilidade mínima que permite que a forma surja.

A matéria, neste ponto, reencontra trajetões viáveis no interior do seu próprio excesso. Não é a instabilidade que gera o cosmos — é a multiplicidade operatória da matéria que, em determinadas configurações, permite que padrões locais se repitam. Esses padrões não são perfeitos nem imutáveis: são regimes funcionais, dinâmicos, que se mantêm enquanto for possível. Não há plano nem finalidade. Mas há reorganização. E essa reorganização, ao contrário da instabilidade cega, permite que certas formas persistam no tempo sem colapsarem. As galáxias emergem desse processo — não como totalidades fechadas, mas como sistemas de agregação complexa que mantêm coerência material mesmo sem unidade simbólica.

Neste novo plano, os mundos começam a formar-se. Não como exceções à dispersão, mas como expressões locais da resistência funcional do excesso. Sistemas estelares instalam-se em zonas de rotação, planetas iniciam órbitas, discos de poeira condensam-se em estruturas gravitacionalmente organizadas. Cada planeta é um corpo que reencontrou uma estabilidade própria dentro de um campo divergente. A organização não é imposta de fora: é interna à matéria. A complexidade, longe de ser um ponto de chegada, é a condição de certas formas persistirem. E é essa persistência diferenciada que inaugura o ritmo.

O ritmo, aqui, não é repetição simbólica nem ciclo numerável. É a emergência de configurações materiais que, mesmo sem consciência, mesmo sem contagem, se mantêm por reencontro dinâmico das suas próprias condições. A órbita de um planeta, a rotação de uma estrela, a alternância térmica de uma superfície — tudo isso é já ritmo, mas ainda sem inscrição. São pulsações que não sabem que existem. O cosmos não repete por ter memória — repete porque certas trajetórias permanecem possíveis. Não há identidade — há sustentação operatória. Não há inscrição — há persistência material. E isso basta para que o universo comece a organizar-se em regimes múltiplos e duráveis.

Cada um desses regimes pulsa segundo o seu próprio tempo. As órbitas não coincidem, as rotações divergem, as massas oscilam com intensidades desiguais. O universo não se ordena por sintonia: torna-se polirrítmico. E é essa polirritmia — múltiplas regularidades não convergentes — que permite a emergência da complexidade. Não há unificação, mas coexistência de mundos que giram em desacordo sem se desfazerem. A matéria, longe de buscar equilíbrio, organiza-se pela divergência compatível. Não existe centro. Não existe harmonia. Existe apenas a possibilidade de certas estruturas se manterem apesar da diferença.

E ainda assim, não há tempo. Porque o tempo, tal como o conhecemos, não é o que se repete: é o que se inscreve. É a diferença simbolizada, o gesto de marcar, contar, narrar. Aqui, nada disso aconteceu. O universo já pulsa, já gira, já organiza ritmos — mas nenhuma linguagem os pensa. Nenhum corpo escuta. Nenhum símbolo opera. O tempo, sem inscrição, não é ainda tempo. Os ciclos existem, mas são mudos. As repetições são materiais, não reflexivas. O mundo, aqui, ainda não conhece o que já realiza.

Até hoje, a única forma de reinscrição simbólica desses ritmos foi o pensamento. A razão — não como essência, mas como corpo capaz de operar símbolos — foi a única a reinscrever o cosmos como tempo. Mas esse gesto ainda está por vir. Estamos antes. Antes da escuta, antes da consciência, antes da forma que sabe que gira. Os mundos já existem. Os ciclos já se repetem. As órbitas já se sustentam. Mas ninguém escuta. E sem escuta, o tempo não é ainda tempo — é apenas o intervalo entre pulsações que não sabem que se repetem.

*O cosmos girava — mas ainda ninguém o escutava.
E sem escuta, o tempo não sabia que era tempo.*

—— David Cota — Fundador da Ontologia da Complexidade Emergente ——